

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15545 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 15 - Psicologia da Educação

## O TRABALHO DOCENTE E A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: ENLACES VOLTADOS À DIVERSIDADE

Luana Maris Borri - UTP - Universidade Tuiuti do Paraná

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### O TRABALHO DOCENTE E A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: ENLACES VOLTADOS À DIVERSIDADE

#### RESUMO

O aumento dos processos migratórios nas últimas décadas vem chamando atenção, tornando necessários discutir temáticas voltadas às pessoas inseridas nestes contextos, especialmente as crianças. O presente trabalho tem como objetivo discutir o trabalho docente voltado à migração internacional. Este trabalho integra os resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Migração internacional e formação de professores: a inserção das crianças haitianas em uma escola pública brasileira”, sendo apresentados ao longo do texto uma das categorias da análise da pesquisa. Foi realizada uma pesquisa exploratória de campo utilizando como instrumentos de pesquisa questionários e entrevistas virtuais. O questionário foi enviado para 6 profissionais de uma instituição que possui crianças migrantes matriculadas e as entrevistas realizadas com 3 professoras que atuam com crianças migrantes haitianas no momento da pesquisa. Os dados foram tabulados e posteriormente analisados a partir do materialismo histórico, apresentando os seguintes resultados: a) Professores manifestaram sentimentos de inadequação, incompetência e impotência ao lidar com crianças haitianas, evidenciando uma culpabilização pessoal frente a desafios coletivos e estruturais; b) Ausência de políticas de suporte e formação contínua adequadas, o que contribui para que os professores se sintam responsáveis individualmente por sua formação e práticas pedagógicas.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas; Processos migratórios; Trabalho docente.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de formação dos professores nos aspectos da diversidade étnico-racial e migração. Este trabalho integra os resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Migração internacional e formação de

professores: a inserção das crianças haitianas em uma escola pública brasileira” apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), sendo discutidos ao longo deste texto uma das categorias da análise da pesquisa.

Ao buscar compreender essa realidade e atender ao objetivo geral, realizamos uma pesquisa exploratória de campo utilizando como instrumentos de pesquisa questionários e entrevistas virtuais com professores de uma instituição da região nordeste de Santa Catarina. Enviamos questionários para todos os profissionais da instituição, totalizando 15 professores/as, sendo que obtivemos respostas apenas de seis questionários, conforme apresentação dos nomes fictícios escolhidos pelas próprias participantes: Joice (43 anos), Renata (37 anos), Marcia (46 anos), Lírio (37 anos), Eli (51 anos) e Flávia (39 anos). No que se refere às entrevistas, entramos em contato com todas as professoras que possuem crianças haitianas em suas turmas atualmente, totalizando 10 professoras, sendo que apenas três realizaram as entrevistas: Joice, Lírio e Flávia. Os dados foram tabulados e posteriormente analisados a partir da Teoria Histórico-Cultural, sendo que os resultados foram organizados em quatro categorias de análises, porém, neste trabalho iremos discutir apenas o tópico: A inserção da criança haitiana no contexto da escola sob a perspectiva dos professores/as.

A partir dos dados apresentados na pesquisa, foram construídas quatro categorias de análises, sendo que neste artigo iremos discutir apenas uma das categorias: “O trabalho docente e a diversidade”.

O trabalho docente há muito é discutido no país, assim como a formação de professores/as, e como pontua Freitas (2019), sempre sendo apontada, por organismos internacionais e mais recentemente pelo governo federal, como um dos grandes responsáveis pelos problemas educacionais. No entanto, é necessário sempre lembrar que, ao se pensar educação e seus desdobramentos é imprescindível considerar as condições objetivas de trabalho do professor/a, considerar qual projeto político fundamenta a formação inicial e mais, qual a política de formação que existe no país. Entendemos que as falas das professoras anteriormente quando falam da falta de apoio, de suporte é um forte indicador de ausência de políticas, ou de uma política de formação e de avaliação que é subsidiada pela lógica da gratificação ou punição.

Conforme pontua Saviani (2007), a responsabilidade pelos problemas educacionais é frequentemente atribuída aos professores por organismos internacionais e, mais recentemente, pelo governo federal. No entanto, é crucial lembrar que, ao se pensar a educação e seus

desdobramentos, é imprescindível considerar as condições objetivas de trabalho dos professores, o projeto político que fundamenta a formação inicial e as políticas de formação vigentes no país. As falas das professoras, que mencionam a falta de apoio e suporte, são indicadores fortes da ausência de políticas ou de uma política de formação e avaliação baseada na lógica da gratificação ou punição.

Assim, as políticas de formação de professores estão no centro desse processo de desprofissionalização docente, ressaltada ainda mais com as atuais legislações, sendo que a cada dia nos deparamos com novos desafios e condições concretas de trabalho ainda mais precarizadas, seja no que se refere à estrutura da escola e ao número de alunos por turma, até aos processos de formação vivenciados por esses profissionais, com formações aligeiradas e pontuais (SAVIANI, 2010).

E, ao considerar em especial as políticas para formação, é possível observar todo um léxico apropriado no campo educacional, como competências, habilidades, educação ao longo da vida, inovação dentre outros que reduzem um projeto coletivo de educação, a um projeto individual, no qual o professor/a é o grande responsável. Assim, está sob a responsabilidade do professor/a procura por sua formação, sua formação continuada, assim como crescem os prêmios e concursos sobre as melhores práticas. A repercussão dessa lógica é a concepção, do próprio professor/a, de que tudo depende dele, como pontua a professora Márcia:

Sensação que estou fazendo pouco e que poderia fazer mais.

Seguindo essa lógica, Joice considera que:

Às vezes [se sente] decepcionada, impotente.

Lírio pontua:

Ainda incompetente para com o resultado final do objetivo.

Essas falas evidenciam sentimentos como: "incompetente", "impotente" e "fazendo pouco" apresentando uma certa culpabilização. Isso também pode ser observada na fala da

professora Lírio quando diz:

É isso mesmo que a gente estava falando é, no meu caso não posso falar geral porque a gente sente uma sensação de impotência quando essa criança está no processo da educação em si. Tem uma menininha ali que é, tipo melhor que os brasileiros pra mim, ela é do segundo ano, ela entende tudo rapidinho, e na minha área tem mais facilidade, parece que lá eles estudam bastante. Então a menininha pelo menos na minha aula é a melhor e, ela é haitiana, que não tem nada de português, da língua portuguesa e é bem difícil [...] aí eu não sei o processo, porque eles vão ficando, vão pegando aos poucos. Eu acredito que nas turmas quando chega novinha é bem melhor porque vai alfabetizar junto com as crianças daqui, vem do pré já alfabetizando no português ali no primeiro, mas quando vem mais velho, sem saber a língua, o desafio é maior. Aí só o comentário que eu tenho é a sensação de impotência. É, do educador, que você não tem muito o que fazer, você vai ter que passar essa criança pra outra turma sem muito, sem ter resultado assim de aprendizado, porque você não reprova porque entende o lado deles também (grifos nossos).

-

Optamos em manter a fala na íntegra, porque ela nos oportuniza muitas análises, mas nesse momento, vamos enfatizar o fato da professora observar que a criança tem condições de aprendizagem, e que o problema é que se está oferecendo pouco para a criança, ou seja, as mediações não são suficientes. Como dito em suas falas, o que observamos em vários momentos das entrevistas, e mesmo nas respostas dos questionários é o sentimento recorrente de não competência, o que indica que um problema coletivo e político acaba sendo apropriado como um problema pessoal. Entretanto, a formação dos professores/as deve ser entendida dentro de um contexto mais amplo de lutas e conflitos sociais, conforme Fernandes (2019). Ele argumenta que "os educadores devem estar conscientes de que suas tarefas profissionais são, em última instância, tarefas sociais" (FERNANDES, 1975, p. 67). Assim, a profissão docente para Fernandes é atravessada por contradições profundas: enquanto os educadores são frequentemente responsabilizados por resolver problemas estruturais complexos, como a desigualdade de acesso à educação de qualidade, muitas vezes enfrentam condições de trabalho precárias e falta de apoio institucional adequado.

Essa percepção de si e do problema é algo que impacta na subjetividade dos professores/as, tanto que conforme relata Joice é muito complicado pois ela entende que,

Às vezes a gente coloca as crianças em situações difíceis para elas naquele momento porque a gente não sabe como é fazer para elas entenderem o que a gente quer [...] isso é complicado às vezes, isso pode marcar, a gente sabe que muitas vezes marca a vida das crianças, pode levar algum trauma lá na

frente, não porque a gente quis fazer, mas porque a gente não está preparado para receber esse público dentro da nossa escola, dentro da nossa sala (grifos nossos).

Ainda sob a perspectiva de ser uma responsabilidade pessoal as professoras falam, que não possuem nenhum recurso diferenciado, e como já indicado anteriormente nenhum apoio ou formação que possa auxiliá-las nesse processo. Entendemos que, como dito acima, esses aspectos acirram o sentimento de incompetência pessoal, ao mesmo tempo que não possibilita a elas pensarem sobre suas reais condições de trabalho. E assim, as professoras vão utilizando de conhecimentos tácitos, trocas entre si e construindo modos de interagirem e de ensinarem para as crianças haitianas. Como explica a professora Joice:

Normalmente, faço através de desenhos, pinturas, colagens, material concreto.

A professora Lírio comenta que ela não segue nenhuma estratégia especial, mas que sempre se preocupa com a nota, isto é,

Não deixamos com nota abaixo da média por saber da dificuldade com a língua.

Essas falas nos evidenciam como é importante compreender a inserção de crianças estrangeiras, e no caso crianças negras como um projeto político e sendo assim, necessário se discutir e pensar tanto a formação de professores, que deve avançar e não ser focada, como indicado nas atuais Diretrizes indicada na Resolução CNE/CP nº 2/2019, que instituiu as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação); a partir da qual é evidenciando um processo de desprofissionalização dos professores (FELIPE, 2020).

E ainda que as professoras indicam as condições precárias de trabalho, como fala a professora Lírio:

Eu tinha 36 turmas e eu tinha 45 minutos por turma, então de 45 em 45

minutos tenho que sair pra ir pra outra turma. Então eu não tinha nada muito diferenciado a não ser quando a turma acolhia e ajudava.

Assim, as políticas de formação de professores estão no centro desse processo de desprofissionalização docente, ressaltada ainda mais com as atuais legislações, sendo que a cada dia nos deparamos com novos desafios e condições concretas de trabalho ainda mais precarizadas, seja no que se refere a estrutura da escola e ao número de alunos por turma, até aos processos de formação vivenciados por esses profissionais, com formações aligeiradas e pontuais (FELIPE, 2020).

Nesse sentido, para Freitas (2019) a resolução nº 2/2019 reforça ainda mais os ideais neoliberais e conservadores presentes na sociedade brasileira, permitindo ainda mais espaço para interferência de organizações sociais e fundações e institutos empresariais, enfraquecendo ainda mais a educação pública. Apresentando que o documento possibilita a “retirada da autonomia docente” (FREITAS, 2019, s/p).

A presente pesquisa reforça ainda mais que o trabalho do professor transcende a mera transmissão de conhecimentos; é um ato político e cultural que molda e é moldado pelas estruturas sociais vigentes, considerando que "a educação é, simultaneamente, um processo de aprendizagem e um instrumento de opressão" (FERNANDES, 1979, p. 23). Em suma, a visão de Florestan Fernandes sobre o trabalho docente é profundamente crítica e engajada. Ele instiga não apenas a compreender os desafios enfrentados pelos educadores, mas também a buscar transformações estruturais que possam criar condições mais justas e igualitárias para o exercício da profissão e para o acesso à educação de qualidade por todos, enfatizando a importância de uma educação que valorize a diversidade cultural e social, preparando os professores/as para lidar com alunos de diferentes origens e realidades (FERNANDES, 2019).

## **REFERÊNCIAS**

FELIPE, Eliana da Silva. Novas Diretrizes para a Formação de Professores: continuidades, atualizações e confrontos de projetos. ANPED, GT8, 2020. <https://anped.org.br/news/novas-diretrizes-para-formacao-de-professorescontinuidades-atualizacoes-e-confrontos-de>

FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. 1ª edição. Lutas

Anticapital, Marília: 2019.

FERNANDES, Florestan. A educação como processo socializador. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Professora defende retomar parecer de diretrizes curriculares de 2015. Entrevista publicada no Trem das Letras: educação e cultural, 2019. Disponível em: <http://tremdasletras.com/professora-defende-retomar-parecerde-diretrizes-curriculares-de-2015/>.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho docente e a questão da diversidade. Educação & Realidade, v. 35, n. 2, 2010.